

Tratados a todo custo

Roberto Esposito

Fontes

<https://antinomie.it/index.php/2020/02/28/curati-a-oltranza/>

<https://medium.com/@rondnunes/tratados-a-todo-custo-de-roberto-esposito-5b74ab4cdacd>

(Tradução do texto publicado originalmente na revista Antinomie — em 28 de fevereiro de 2020 — em resposta ao texto de Jean-Luc Nancy, por sua vez escrito em resposta ao texto de Agamben)

Ao ler este texto de Nancy encontro os traços que sempre o caracterizaram — em particular uma generosidade intelectual que eu mesmo experimentei no passado, ao tirar ampla inspiração de seu pensamento, sobretudo no meu trabalho sobre a comunidade. O que em certo momento interrompeu nosso diálogo foi a clara aversão de Nancy ao paradigma da biopolítica, que ele sempre opôs, como neste mesmo texto, à relevância dos dispositivos tecnológicos — como se as duas coisas estivessem necessariamente em conflito. Pelo contrário, mesmo o termo “viral” indica uma contaminação biopolítica em diferentes línguas — políticas, sociais, médicas, tecnológicas — unificada pela mesma síndrome imunológica, entendida como uma polaridade semanticamente contrária ao léxico da *communitas*. Embora o próprio Derrida tenha feito abundantemente uso da categoria de imunização, provavelmente a recusa de Nancy em enfrentar o paradigma biopolítico pode ter sido influenciada pela distonia que ele herdou de Derrida em relação a Foucault. Estamos, entretanto, falando de três dos maiores filósofos contemporâneos.

O fato é que hoje qualquer pessoa com olhos pra ver não pode negar a implementação plena da biopolítica. Desde as intervenções da biotecnologia em áreas outrora consideradas exclusivamente naturais como o nascimento e a morte, o terrorismo biológico, a gestão da imigração e epidemias mais ou menos graves, todos os conflitos políticos atuais têm em seu centro a relação entre a política e a vida biológica. Mas é precisamente a referência a Foucault que deve nos fazer não perder de vista o caráter historicamente diferenciado dos fenômenos biopolíticos. Uma coisa é argumentar, como faz Foucault, que há dois séculos e meio a política e a biologia estão cada vez mais imbricadas em um nó cada vez mais apertado, com resultados problemáticos e às vezes trágicos. Uma outra coisa é a homogeneização de eventos e experiências incomparáveis. Pessoalmente eu evitaria estabelecer qualquer relação entre prisões especiais e uma quarentena de algumas semanas no Sul. Naturalmente, do ponto de vista jurídico, o estabelecimento da emergência, há muito tempo aplicada mesmo em casos em que não há necessidade, empurra a política para procedimentos excepcionais que podem, a longo prazo, minar o equilíbrio do poder em favor do executivo. Mas chegar ao ponto de falar, neste caso, de um risco para a democracia parece-me pelo menos exagerado. Acredito que devemos tentar separar os planos, distinguindo os processos de longo prazo das notícias recentes. A partir do primeiro ponto de vista, há pelo menos três

séculos a política e a medicina estão ligadas numa implicação mútua que acabou transformando ambas. Por um lado, tem ocorrido um processo de medicalização da política que, aparentemente livre de vínculos ideológicos, mostra-se cada vez mais dedicada ao “cuidado” de seus cidadãos frente aos riscos que muitas vezes ela mesmo evidencia. Por outro, estamos assistindo a uma politização da medicina, que se investe em tarefas de controle social que não competem a ela — o que explica as avaliações tão heterogêneas feitas por virologistas sobre a importância e natureza do coronavírus. Ambas tendências deformam a política em relação a seu perfil clássico. Isso também se deve ao fato de que seus objetivos não incluem mais indivíduos ou classes sociais, mas segmentos de população diferenciados por saúde, idade, sexo e até etnia.

Mais uma vez, com respeito a preocupações certamente legítimas, é necessário não perder a noção de proporção. Me parece que o que acontece hoje na Itália, com a caótica e um tanto grotesca sobreposição de prerrogativas estatais e regionais, tem mais o caráter de uma decomposição dos poderes públicos que de uma dramática contenção totalitária.